



GRAMSCI & ANDRÉ PHILIP

*Ricardo José de Azevedo Marinho*¹

Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO

*Renata Bastos da Silva*²

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo

O presente artigo redimensiona o diálogo entre as ideias do protestante e intelectual socialista da resistência francesa André Philip e o deputado comunista italiano Antonio Gramsci. Gramsci analisa a recepção da narrativa de viagem do pensador francês em processo de formação, aos Estados Unidos da América. Foram utilizadas como fontes principais os textos dos *Cadernos do cárcere*, de Gramsci, e o texto de Philip, *Le problème ouvrier aux Etats-Unis*. Para tal, e além dos textos, os contextos das produções também são mostrados como forma de localizar tempos e espaços de suas interpretações, considerando as propostas metodológicas da história comparada.

Palavras-chave: Protestante socialista. Americanismo. História comparada.

¹Professor Adjunto da Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: ricardo.marinho@cedae.com.br

² Professora Adjunta do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em História pelo programa de História Social da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: renatabastos@ippur.ufrj.br

Introdução³

Os estudos sobre intelectuais têm uma longa tradição. Dos trabalhos clássicos de Karl Mannheim (1893-1947) até as pesquisas contemporâneas, os desdobramentos na área sempre foram fontes de renovação teórica, fato que ocorre ainda hoje (COLLINS, 1998; FRICKEL; GROSS, 2005). Pode-se dizer que ao longo deste tempo foram exploradas as mais diferentes variáveis tidas como relevantes para a explicação da ação desses personagens: classe social, gênero, cultura, espaços e redes de sociabilidade, filiações ideológicas e discursos.

Portanto, para discutir temas da história dos intelectuais em contextos externos a partir do relato de viagem de André Philip (1902-1970), protestante e intelectual socialista da resistência francesa que foi uma fonte de inspiração crítica sobre o americanismo do deputado comunista italiano Antonio Gramsci (1891-1937), além de ter desempenhado funções públicas de relevo em seu país, nossa ideia é mobilizar Philip para pensar os relatos de contextos externos e seus efeitos sob a produção intelectual do próprio viajante como a de sua recepção.

A escolha de Philip justifica-se porque consideramos que a biografia intelectual do francês revela uma criativa combinação entre religião e conhecimento laico, que desafia os tradicionais pressupostos da história dos intelectuais a respeito do fenômeno da secularização e seu impacto na esfera pública. Mais especificamente, nos propomos a identificar como os primeiros trabalhos de Philip, dedicados ao esclarecimento do americanismo para europeus, inauguram uma forma de análise e de crítica que seria empregada em seus trabalhos posteriores na resistência, além de suscitar o olhar crítico de Gramsci sobre a exposição do francês a respeito do americanismo, uma vez que o sardo capta sutilmente a inusitada combinação entre crítica religiosa e relato científico rigoroso. Como escreve Gramsci

³Gostaríamos de expressar nossa gratidão a Barbara Gabriela Moraes de Alencar, Bruno de Sousa Vital e Eliane Gonçalves da Silva do Curso de Graduação de Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que colaboram com a pesquisa e com as discussões na Oficina Gramsci para o Desenvolvimento Econômico e Social realizada no primeiro semestre de 2017 na UFRJ.

A propósito da doutrina da graça e de sua conversão em motivo de energia industrial (...) ver (...) o livro de Philip, onde são citados documentos atuais sobre esta conversão. Nestes fatos está contida a documentação do processo de dissolução da religiosidade americana: o calvinismo torna-se uma religião laica, (...) ela é própria de uma aristocracia eleita (povo eleito, classe eleita) que teve e continua a ter êxitos; um princípio de seleção, não de generalização, de um misticismo ingênuo e primitivo, próprio de quem não pensa, mas atua, como é o caso dos industriais americanos, princípio que pode ter em si os germes de uma dissolução até mesmo muito rápida (a história da doutrina da graça pode ser interessante para ver o diferente modo de acomodação do catolicismo e do cristianismo às diferentes épocas históricas e aos diferentes países).

Fatos americanos relacionados por Philip, dos quais se infere que o clero de todas as Igrejas, em determinadas ocasiões, funcionou como opinião pública, na ausência de um partido e de uma imprensa de tal partido. (GRAMSCI, 2001, p. 173)

Comparar, como já dizia Marc Bloch (1886-1944), implica assinalar e analisar semelhanças e diferenças entre situações/países/sistemas/autores. Uma comparação entre Philip e Gramsci nos parece preencher tais critérios. Biografias marcadas pela condição de intelectuais de esquerda em seus países, vidas marcadas pelo internacionalismo e por polêmicas decorrentes de suas publicações e atitudes são certamente estimulantes. Diria que foram interlocutores não porque estivessem em contato constante, mas pelas afinidades intelectuais.

A história dos intelectuais e os relatos de viagens

A literatura especializada na gênese da história dos intelectuais tende a passar obrigatoriamente pelos escritos de Mannheim. Em um de seus estudos clássicos sobre o tema, Mannheim (1957) apresentou pontos essenciais para pensar as bases históricas dos intelectuais, apontando o peso de fatores sociais na conformação do pensamento dos indivíduos. Assim, Mannheim mobilizou variáveis tais como os espaços de sociabilidade, as gerações e os estilos de pensamento para analisar como as ideias são modeladas historicamente e transformadas em contextos sociais diversos.

Mannheim caracterizava a modernidade a partir da convivência conflituosa de pontos de vista e ideias que expressavam interesses e posições políticas de distintas classes sociais. Nesse cenário, no qual não haverá monopólio do conhecimento e o relativismo surgia como fator incontornável, teriam emergido as ideologias em sentido estrito.

Essa disputa só se tornou possível graças à perda do monopólio que a classe clerical na Idade Média detinha sobre a produção de conhecimento. A nova camada de letrados surgidos na modernidade secularizada, a *intelligentsia*, paulatinamente se tornaria uma categoria profissional à medida que concorria por uma audiência pública e pelos benefícios advindos desta. Isso fez com que a política se tornasse uma esfera pautada por valores e crenças radicalmente diversas, como apontado por Maquiavel (1469-1527), que não teriam mais um quadro normativo partilhado entre todos os agentes. Nas análises de Gramsci (2001), a atividade intelectual é tida como comum a todos os homens.

É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são “filósofos”, definindo os limites e as características desta “filosofia espontânea”, peculiar a “todo o mundo”, isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria

linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por “folclore”. (GRAMSCI, 1999, p. 93)

Tornou-se famosa a distinção feita pelo pensador sardo entre os intelectuais tradicionais e os orgânicos. Os primeiros seriam aqueles personagens oriundos de camadas históricas que sempre tiveram o privilégio da cultura escrita e de sua interpretação, tais como padres, funcionários estatais e eruditos que circundavam os aristocratas. Já os orgânicos seriam gerados pelo próprio desenvolvimento histórico das modernas classes sociais, os alicerces da estrutura do mundo, servindo ao capitalista e à burocracia estatal, sendo, por exemplo, economistas, administradores, cientistas e outros profissionais especializados.

No entanto, foi quando escreveu sobre sociedades nas quais a presença de intelectuais tradicionais seriam decisivos que Gramsci abarcou contextos alternativos aos modelos costumeiros, como Inglaterra e/ou a França de Philip. Diferentemente dos intelectuais orgânicos, que seriam os responsáveis pela nova forma do Estado e da sociedade, portando-se como “funcionários da superestrutura” que moldam o mundo segundo a classe burguesa, os intelectuais tradicionais seriam figuras herdadas de formações histórico-sociais pretéritas ao florescimento das relações capitalistas.

Estes intelectuais tradicionais teriam um forte sentimento de *continuidade* através do tempo e se veriam como independentes em relação às classes sociais, sendo disputados no processo da luta pela hegemonia. Seriam eles clérigos, filósofos, juristas, escritores, podendo tanto se vincular às classes dominadas quanto às dominantes, adquirindo certa autonomia em relação aos interesses imediatos.

A Itália onde Gramsci viveu era um cenário um tanto diferente daqueles em que as teorias sobre intelectuais se desenvolveram, um país com papel econômico subalterno e modernização tardia em comparação à Inglaterra e à França. Nesse contexto, os intelectuais

tradicionais teriam maior protagonismo na condução da vida política, mas isso parece ser entendido por Gramsci como um traço recessivo de formações sociais não plenamente desenvolvidas em termos capitalistas. O americanismo representaria justamente uma estrutura mais simples e racionalizada, guiada pela lógica da produção, na qual a política teria maior homologia com a estrutura.

A crítica do americanismo em Philip e Gramsci

Nos *Cadernos do cárcere*, no *Le problème ouvrier aux Etats-Unis* e nos demais livros de viagem de Philip, podemos enxergar a proposição de dois projetos em face ao americanismo. No primeiro, sustentado pelo comunismo (tal qual expresso no livro *A ideologia alemã*) e pelas convicções democráticas de Gramsci, delineava-se a extração das vantagens do americanismo em face da Itália fascista, um país que deveria deixar para trás o peso das suas *sedimentações passivas do passado* – de nítida conformação no *Risorgimento* – e assimilaria a moderna sociedade urbana, abrindo espaço para a virtuosidade do povo, das massas, das emergentes camadas oprimidas da população. No segundo, condicionado pelo protestantismo e o socialismo, em Philip, do qual não estariam ausentes a lição de Tocqueville (1805-1859) de que só se olhando para a França nunca se poderá compreender a Revolução Francesa, surgia um país cujo futuro promissor deitaria raízes no que do passado teria tido de melhor, mas que também da invenção de uma ética forte, técnica e administrativamente formadora, e concebida como figura jurídica e política capaz de organizar a nação. Como percebe Gramsci

Na América, a racionalização determinou a necessidade de elaborar um novo tipo humano, adequado ao novo tipo de trabalho e de processo produtivo: esta elaboração está até agora na fase inicial e, por isso, (aparentemente) idílica. É ainda a fase da adaptação psicofísica à nova estrutura industrial, buscada através dos altos salários; ainda não se verificou antes da crise de 1929, salvo talvez

de modo esporádico, nenhum florescimento "superestrutural", ou seja, ainda não foi posta a questão fundamental da hegemonia. A luta se dá com armas tomadas do velho arsenal europeu e ainda abastardadas, que são portanto "anacrônicas" em relação ao desenvolvimento das "coisas". A luta que se desenvolve na América (descrita por Philip) é ainda pelos direitos profissionais, contra a "liberdade industrial", isto é, uma luta semelhante àquela que se travou na Europa no século XVIII, embora em outras condições: o sindicato operário americano é mais a expressão corporativa dos direitos das profissões qualificadas do que outra coisa e, por isso, sua destruição, exigida pelos industriais, tem um aspecto "progressista". A ausência da fase histórica europeia assinalada, também no campo econômico, pela Revolução Francesa deixou as massas populares americanas em estado bruto: a isso cabe acrescentar a ausência de homogeneidade nacional, a mistura das culturas-raças, a questão dos negros. (GRAMSCI, 2001, p. 248)

Qualquer leitura isenta e rigorosa dos textos de Philip, por exemplo, não deixará de surpreender sua ambivalente simpatia pelo americanismo, que ele elevava à condição de recurso importante para a edificação de uma França "orgânica", capaz de explorar todo o seu potencial e de se completar como nação moderna. O mesmo ocorrerá com Gramsci, com a diferença de que a identificação de suas preferências americanistas derivará não tanto da leitura dos *Cadernos do cárcere* – em que o tema aparece cristalino –, mas da valorização comunista do tema por ele.

Ao passo que Philip seria "condenado" ao ostracismo por tudo que se passou na França entre 1920 e 1951 e até mesmo depois, Gramsci acabaria enaltecido (um herói e mártir da esquerda internacional), sobretudo pelo que foi capaz de resistir e produzir nos cárceres fascistas. O desnivelamento da comparação torna-se, assim, evidente: como colocar reflexões e ações em pé de igualdade, sobretudo se se levar em conta que os textos exprimem um

pensamento datado e as ações configuram um leque muito complexo de escolhas e se distribuem num tempo histórico em tudo dramático, implicando, portanto, configurações de revisão, ajustes e correções?

A esta altura da história, parece-nos importante argumentar que a colocação destes dois pensadores em paralelo ajuda a que se compreenda melhor a originalidade dos diagnósticos alcançados por eles, bem como o sentido e as implicações políticas de suas propostas reformadoras. Procuramos sugerir, de modo mais tentativo que categórico, acompanhando, neste particular, algumas pistas já abertas pela literatura existente, que entre o Philip de *Le problème ouvrier aux Etats-Unis* e o Gramsci dos *Cadernos do cárcere* há uma forte semelhança de fundo que não pode ser desconsiderada⁴. A hipótese que aqui se pretenderá sustentar é que esta semelhança os aproxima e permite assim que se percebam com maior clareza as diferenças existentes entre eles. Semelhanças e distinções serão vistas, portanto, como parte de um diálogo implícito entre estes dois do pensamento de esquerda. As fortes e nítidas diferenças que os separam servem, também, para que entendamos melhor aquilo que os aproxima.

O primeiro e mais importante traço desta semelhança de fundo reflete, antes de tudo, a contemporaneidade dos autores, o efeito que neles tiveram as marcas do tempo, o clima e o ambiente cultural dos anos 1920 e 1930.

A época irá representar, acima de tudo, a abertura de novos espaços para a afirmação de diferentes projetos dedicados a rever e criticar os costumes políticos. Embalada pela dinâmica da crise da Primeira Guerra, de sua sociedade e de sua economia, desencadeia-se uma onda de renovação, fazendo com que a sociedade conheça uma fase de experimentação, instabilidade e efervescência. Por todo o planeta, à esquerda e à direita, processa-se um realinhamento da intelectualidade, que se volta claramente para o novo que surgia nos EUA. Regra geral, os problemas passarão a ser examinados com os critérios mais pragmáticos do

⁴No volume 4 da edição brasileira dos *Cadernos do cárcere* se lê na página 355 a seguinte nota: “André Philip, várias vezes mencionado (cf., sobretudo, infra, caderno 22), é o autor de *Le problème ouvrier aux Etats-Unis*, Paris, 1927 - livro que Gramsci possui no cárcere e que lhe serve para obter variadas informações sobre a condição operária na época do *maquinismo*, da produção de massa e da transformação fordista da economia e da sociedade americana.”

americanismo, muitas vezes à base de uma confusa visão sobre o capitalismo e quase sempre com a preocupação organicista de unificar e integrar as nações, organizar e dar coesão ao novo ser social que surgia. Não por acaso, as ideias de socialismo, revolução, Estado, classe trabalhadora, pátria, progresso – cujo vigor se mostra com clareza na década de 1920 e se aprofunda na década seguinte – tenderão a se incorporar com maior nitidez aos discursos políticos e ao imaginário popular.

Os anos 1930 foram tingidos pela política e pela conscientização ideológica nas artes e na vida intelectual: foram anos de engajamento político, religioso e social. Gramsci e Philip não escaparam deste clima, e suas obras são claros documentos desta intenção “epocal”.

Os diagnósticos apresentados em suas obras sobre o americanismo expressavam esta atmosfera e se aproximaram também por isto. Nelas, além do mais, irá calar fundo a disposição para fixar um idêntico ponto de partida metodológico: seria preciso ir às raízes da experiência histórica americanista para, a partir delas e de seu desenvolvimento no tempo, projetar uma nova época. Tanto Philip quanto Gramsci queriam estabelecer o que era singular, o que diferenciava o americanismo das outras experiências, para assim assentar as bases da reforma sobre as quais se poderia erguer a nova época. Se Philip pretendia redesenhar as instituições políticas e alcançar uma concepção do Estado, enquadrado dentro dos desafios daqueles tempos, Gramsci falava em relegar aos seus justos limites o domínio de certos princípios e fórmulas políticas, abordar a realidade feia e desconcertante em vez de se refugiar no mundo ideal acenado por visões ao arrepio da vida e/ou de criar asas para não ver o espetáculo detestável que aquele mundo do entre-guerras lhes oferecia.

Ambos, em suma, cada um a seu modo, queriam combinar o entendimento da formação histórica do americanismo com uma ideia de modernidade/modernização.

Conclusão

Gramsci nasceu em 1891 e Philip em 1902. Apesar da diferença cronológica e espacial, respectivamente Ales, Itália, e Pont-Saint-Espirit, França, ambos cultivaram uma curiosidade formativa com a experiência norte-americana.

Daí que Philip e Gramsci, antes de ressaltarem as diferenças entre a Europa e os Estados Unidos, teriam que analisar o que essas formações econômico-sociais teriam em comum. As descrições baseadas em oposições eram quadros pintados com traços grossos, que mais serviam para o descanso do intelecto do que para um efetivo equacionamento dos nossos dilemas e da nossa história.

Esse histórico interessantíssimo não só nos autorizaria a falar na presença de Philip no pensamento de Gramsci, mas coloca um desafio: de onde viria, então, a possibilidade de uma analogia entre eles? Iniciaremos com uma proximidade metodológica: a relativização das críticas às concepções americanistas, abraçada fortemente por Gramsci, era parte constitutiva da análise de Philip da herança anglo-saxã, que explicitava alguns dos seus componentes e seu funcionamento e simultaneamente revelar o que havia nesse universo anglo-saxão de novo-tipo a ser exposto e entendido, inclusive com otimismo, os aspectos que o caracterizavam. Philip, um socialista francês certamente singular ao agregar a essa interpretação sugestões oriundas dos experimentos protestantes.

Embora não fosse um adepto na confusão da perspectiva protestante com o conhecimento, Philip pensou sua escrita e sua atividade socialista a partir desta formação religiosa, e tal articulação esteve longe de ser recessiva e/ou operar como obstáculo para sua produção intelectual. Trata-se, portanto, de compreender como Gramsci soube identificar os elementos que o permitiram apreender esta configuração de um discurso socialista e político original.

O que importa para o nosso argumento é que a potencial discordância na análise do americanismo não interfere na mobilização de Philip por Gramsci, nem na assimilação de seu pensamento para reforçar algumas hipóteses e sofisticar certas interpretações. Como no livro *Le problème ouvrier aux Etats-Unis*, nos *Cadernos do cárcere* o sardo recorreu ao francês para reforçar sua própria crítica ao progresso material desprovido de uma visão humana, bem como sua adesão ao uso e ao tratamento de fontes de tipos variados para compor um quadro da mentalidade americanista e extrair suas vantagens.

Julgamos conveniente assinalar que a autoria da expressão “gorila amestrado” foi atribuída, pela primeira vez, por Philip a Frederick Winslow Taylor (1856-1915), o “pai da

administração científica-empresarial”, segundo os pregoeiros das supostas virtudes do capitalismo imperialista. Em seu livro *Le problème ouvrier aux Etats-Unis*, Philip referiu-se ao conceito de Taylor em destaque com as seguintes palavras:

O trabalhador encontra-se, assim, absorvido em uma engrenagem mecânica à qual deve submeter-se, sem tentar compreendê-la. Isso conduz à degradação da função operária na vida industrial do país, à diminuição da personalidade que poderia tornar-se de extrema gravidade. Taylor não chegou ao ponto de dizer que, em breve, um gorila amestrado poderia executar o trabalho, atualmente realizado por um trabalhador? (PHILIP, 1927, p. 124)

Por essas e por outras é que Philip não será mais que um adversário teórico ou político, mas será tratado, nos *Cadernos do cárcere*, como uma espécie de desafio intelectual, algo a ser tratado com uma teoria mais “ágil” e “moderna” e com um programa político menos peremptório.

Nas palavras de Gramsci

Sobre o Prof. Siegfried, deve-se notar a seguinte contradição na p. 350 do seu livro *Les Etats-Unis d'aujourd'hui*, ele reconhece, na vida americana, "o aspecto de uma sociedade realmente (!) coletivista, desejado pelas classes eleitas e aceito alegremente (sic) pela multidão" mas, depois, Siegfried escreve o prefácio para o livro de Philip sobre movimento operário americano e o elogia, embora tal livro não demonstre precisamente nem essa "alegria" nem a inexistência da luta de classes na América, mas, ao contrário, demonstre a existência da desenfreada e feroz luta de uma parte contra a outra. A mesma comparação poderia ser feita entre o livro de Romier e o de Philip. Deve sublinhar como na Europa foi aceito

com muita facilidade (e difundo com muita habilidade) o róseo quadro de uma América sem lutas internas (atualmente as coisas se esclareceram), etc., etc. Foi assim que ao mesmo tempo, combateu-se o americanismo como subversor da estagnada sociedade europeia, mas apresentou-se a América com exemplo de homogeneidade social para fins de propaganda e como premissa ideológica para leis de exceção. (GRAMSCI, 2001, p. 282)

Seja como for, Gramsci jamais submeterá Philip a uma crítica rigorosa. Sua posição diante do autor de *Le problème ouvrier aux Etats-Unis* será sempre marcada por uma certa generosidade, permanecendo mais implícita que explícita.

Referências

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos. O caráter sobrenatural do poder régio – França e Inglaterra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHEVANDIER, Christian e MORIN, Gilles (eds.). **André Philip, socialiste, patriote, chrétien.** Colloque “Redécouvrir André Philip”, organisé à l’Assemblée Nationale, 13 et 14 mars 2003. Paris: Comité pour l’Histoire Économique et Financière de la France/IGPDE, 2005.

COLLINS, R. **The sociology of philosophies: a global theory of intellectual change.** Cambridge: Harvard University Press, 1998.

FRICKEL, S. e GROSS, N. “A general theory of scientific/intellectual movements”. **American Sociological Review**, vol. 70, n° 2, 2005, pp. 204-232.

GRAMSCI, A. Americanismo e fordismo. In: _____. **Cadernos do cárcere**, vol. 4, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. Apontamentos para uma introdução e um encaminhamento ao estudo da filosofia e da história da cultura. In: _____. **Cadernos do cárcere**, vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

JOLLY, Jean. (ed.). **Dictionnaire des parlementaires français, notices biographiques sur les ministres, sénateurs et députés français de 1889 à 1940**. Paris: PUF, 8 vols, 1960-1977.

MANNHEIM, K. “Los papeles históricos de la ‘intelligentsia’”. In: _____. **Ensayos de Sociología de la Cultura**. Madri: Aguilar, 1957, pp. 175-225.

MARX, Karl. Friedrich Engels Friedrich Engels. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. Supervisão editorial, Leandro Konder; tradução, Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. - São Paulo: Boitempo, 2007.

PHILIP, A. **Le problème ouvrier aux Etats-Unis**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1927.

PHILIP, Loïc. **Andre Philip**. Paris: Beauchesne, 1988.

ROMIER, Lucien. **Qui sera le Maître: Europe ou Amérique**, Paris, Hachette, 1927.

SIEGFRIED, A. **Les Etats-Unis d'aujourd'hui**. Paris: Librairie Armand Colin, 1928.

Recebido em 10 de junho de 2019

Aprovado em 14 de agosto de 2019

Editado em 10 de setembro de 2019